

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO		
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA		
FIL 2881	TÓPICOS DE FILOSOFIA DA CULTURA	
PERÍODO-2017.2	CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 HORAS	CRÉDITOS: 3
Horário: Quintas das 16h às 19h	PROF.: LUIZ CAMILLO OSORIO	

OBJETIVOS	Discutir a imagem e suas reverberações filosóficas e políticas de Cézanne a Godard
EMENTA	Desenvolvimento e aprofundamento de questões relativas à Filosofia da Cultura
PROGRAMA	<p>Imagem, Dessemelhança e Alteridade: Cézanne, Magritte, Warhol, Godard.</p> <p>A partir de meados do século XIX, com a reprodutibilidade técnica, o estatuto e as formas de apreensão da imagem foram sendo redefinidos. Procuraremos neste curso analisar estas transformações tendo em vista a propagação superlativa das imagens e a crescente desconfiança sobre seus efeitos no real. Passando pela pintura, a fotografia e o cinema, entre o maravilhamento e a hesitação, parece que seguimos mergulhados na “dúvida” de Cézanne: será que a imagem tem a capacidade de nos fazer ver a verdade? Será que ela é puro desvio ilusionista? O que há de verdade naquilo que somos capazes de ver? Do que é capaz uma imagem, o que podemos esperar dela? Como disse Godard, “mesmo deteriorado um simples retângulo de trinta e cinco milímetros salva a honra do real”. Há neste salvar alguma nostalgia do absoluto? Como intensificar as maneiras de dizer pela multiplicação das formas de ver e como intensificar as formas de ver pela multiplicação das maneiras de dizer?</p>

	<p>Os artistas citados no subtítulo apontam para formas distintas de ver e modos diferentes de associarmos o que vemos com o que dizemos. Para Cézanne, falta capacidade de dizer na construção de um outro visível - construído no contato entre olho, corpo e mundo - não mais submetido ao que já se sabe. Constitui-se neste primeiro momento uma imagem deslocada da representação, já tributária do regime estético das artes. Sucintamente, em Cézanne afirma-se uma estética do ver sem a mediação de uma medida comum, uma aesthesis sem uma mimesis. Em Magritte, desconfia-se de que o ver é um não saber que se alimenta daquilo que podemos dizer sobre o que vemos – haveria aqui uma poética dissociativa do ver. Já em Godard e Warhol, ver, dizer e saber se chocam e se potencializam no desespero diante da nossa incapacidade de imaginar outro real possível, que pudesse resistir à diluição do espetáculo e ao susto do horror inumano. Surge aqui uma ética/luto do ver, algo da ordem da impotência / impossibilidade do ver e do dizer depois de Auschwitz e de Hollywood. Não misturar (im)potências é parte do problema e do modo de lidarmos com a imagem na contemporaneidade.</p> <p>Não há qualquer teleologia nem momentos históricos que se sobrepõem, cada um destes estatutos da imagem convive entre si. O que temos são operações da imagem na sua luta constante em abrir linhas de fuga e de encantamento, que nos façam ao mesmo tempo atores e espectadores em um mundo cuja incapacidade de ver e dizer a diferença seja complementar ao atravessamento de instantes de verdade e de devir. Como já apontara Primo Levi “por trás das pálpebras mal fechadas, irrompem os sonhos com violência”.</p>
AVALIAÇÃO	Um trabalho no final do curso
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	<p>Didi-Huberman, G. – <i>Imagens apesar de tudo</i>; Imago, Lisboa, 2012.</p> <p>Foucault, M – <i>Isso não é um cachimbo</i>, Paz e Terra, RJ, 1989.</p> <p>Lyotard, J-F – <i>Moralidades Pósmodernas</i>, Papirus, SP, 1996.</p> <p>Merleau-Ponty, M. – “A dúvida de Cézanne”, Cosac&Naify, SP, 2010.</p> <p>Rancière, J. – <i>O destino das imagens</i>, Contraponto, RJ, 2012.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	Será dada ao longo do curso